

**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO**  
**INSTITUTO FEDERAL DE PERNAMBUCO - IFPE | CAMPUS OLINDA**  
**MESTRADO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA - PROFEPT**

## **O EMPODERAMENTO FEMININO EM DISCUSSÃO**



# **Podcast**

MARIA APARECIDA CRUZ

BERNARDINA SANTOS ARAÚJO DE SOUSA

Copyright © by 2024 **Maria Aparecida Cruz e Bernardina Santos de Araújo de Sousa**

**Diagramação:**

- ♦ Márcia Girlene e Silva

Egressa do Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional e Tecnológica – PROFEPT, do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Pernambuco – IFPE, campus Olinda.

**Revisão:**

- ♦ Maria Aparecida Cruz  
Bernardina Santos de Araújo de Sousa

**Texto e Roteiro:**

- ♦ Maria Aparecida Cruz  
Bernardina Santos de Araújo de Sousa

**Produção, Edição, Voz e Sonoplastia:**

- ♦ Yuri Gabryel Cabral da Silva  
Júlio Henrique Silva dos Santos

Maycha Avelino de Araújo

Nielson Sales de Santana

Samuel Clemente de Oliveira Santos

Sofia Barros Pinheiro de Oliveira

Tamyres Soares Silva de Lira

**Professor Coordenador:**

- ♦ Professor Coordenador: Dimas Brasileiro Veras

O Malungo Lab: laboratório de humanidades digitais e inovação social do IFPE, colabora com comunidades quilombolas e agências de turismo em trabalhos de marketing digital e inovação. <https://portal.ifpe.edu.br/recife/noticias/malungo-lab-presta-assessoria-a-quilombo-voltada-ao-desenvolvimento-do-turismo-de-base-comunitaria/>

C957e Cruz, Maria Aparecida.

O empoderamento feminino em discussão. / Maria Aparecida Cruz; Bernardina Santos Araújo de Sousa. – Olinda, PE: O autor, 2024.  
24 f.: il., color. ; 30 cm.

Produto Educacional: Podcast. Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Pernambuco - IFPE, Campus Olinda, Coordenação Local ProfEPT/IFPE - Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica, 2024.

Inclui Referências.

1. Educação – Igualdade. 2. Educação - Gênero e diversidade. 3. Inclusão. 4. Políticas afirmativas. 5. Empoderamento feminino. I. Sousa, Bernardina Santos Araújo de. II. Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Pernambuco - IFPE. III. Título.

370.115

CDD (22 Ed.)

# FICHA TÉCNICA DO PRODUTO EDUCACIONAL

**ORIGEM:** Trabalho de dissertação, do Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional e Tecnológica – PROFEPT, do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Pernambuco – IFPE, *campus* Olinda, intitulado “O Empoderamento Feminino Em Discussão”<sup>1</sup>.

**ÁREA DE CONHECIMENTO:** Ensino.

**PÚBLICO-ALVO:** Mulheres, docentes, discentes, servidores e público em geral.

**CATEGORIA:** *Podcast*.

**FINALIDADE:** Tem como objetivo fazer com que as mulheres possam retratar sua história de vida, com imagens, fragmentos de suas narrativas percepções de si para que, pela lembrança, possam fazer a travessia do que eram e do que são, em seu meio sócio-histórico, bem como do empoderamento apreendido ao longo de sua trajetória no Neged.

**ESTRUTURAÇÃO:** A produção do *podcast* envolveu mulheres integrantes dos Negeds do IFPE, cujos temas abordados foram o Empoderamento feminino, experiências nos Negeds e narrativas pessoais. O formato adotado foi de Miniconferências e narrativas, com o objetivo de criar um diálogo entre teoria e experiência. A série foi dividida em três seções, cada uma contemplando a fala de cada uma das participantes, tendo a série três episódios.

**REGISTRO:** Biblioteca Carolina Maria de Jesus do IFPE - *Campus* Olinda.

**AVALIAÇÃO:** Para a realização da testagem do Produto Educacional (*Podcast*), foram enviados, para o contato de *WhatsApp*, os episódios gravados, em anexo um *link* para acesso ao questionário de avaliação. Um total de cinquenta (50) pessoas participaram entre estudantes, docentes, técnicas(os) administrativas(os). No que se refere à identidade de gênero, 76% participantes se identificaram como Mulher, 24% como Homem, as opções Outro e Prefiro não dizer não foram assinaladas.

**DISPONIBILIDADE:** *Links* do *Google Drive*.

**DIVULGAÇÃO:** Disponível em formato digital no Repositório do Instituto Federal de Pernambuco (IFPE).

**IDIOMA:** Português.

**INSTITUIÇÃO ENVOLVIDA:** Instituto Federal de Pernambuco (IFPE) – *Campus* Olinda.

**CIDADE:** Olinda – PE.

**PAÍS:** Brasil.

---

<sup>1</sup> Este Produto Educacional está depositado no seguinte endereço eletrônico: <https://obsprofep.midi.upt.iftm.edu.br/Egressos>

# SUMÁRIO

Apresentação.....	04
A Tecitura do Produto Educacional/Podcast .....	05
Episódio 01.....	07
Episódio 02 .....	11
Episódio 03 .....	15
Considerações Finais .....	18
Autores .....	19
Referências .....	20
Glossário.....	21

## Apresentação

A finalidade do Programa de Pós-graduação em Educação Profissional e Tecnológica (PROFEPT) para conceder o título de mestre requer a elaboração de um produto educacional. Sendo assim, estamos propondo o *podcast* "O Empoderamento Feminino em Discussão", a fim de fazer jus às mulheres participantes dos Negeds do IFPE, dos *Campi* Recife e Pesqueira. Este produto educacional tem como objetivo fazer com que as mulheres possam retratar sua história de vida, com imagens, fragmentos de suas narrativas, percepções de si para que, pela lembrança, possam fazer a travessia do que eram e do que são, em seu meio sócio-histórico, bem como do empoderamento apreendido ao longo de sua trajetória no Neged.

Morais (2020) afirma que "o produto educacional deve ser um material educativo que facilite o desenvolvimento de uma experiência de aprendizagem, propiciando a construção de novos saberes por meio da reflexão e da ressignificação de conhecimentos outros". Deste modo, a série de *podcast* será intitulada: "O Empoderamento em Discussão", e, certamente, irá corroborar com o processo formativo de outras mulheres para que, sabendo das transformações alheias, possam fazer a travessia necessária e se empoderar, se posicionando diferente do padrão da história que enquadra as mulheres na invisibilidade.

O Produto Educacional é uma prerrogativa para a conclusão do ProfEPT, previsto no regulamento do Programa, seguindo as diretrizes estabelecidas para a área de Ensino, pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes). O referido produto deverá ser elaborado, testado por possíveis usuários, apresentado à banca de defesa, como material encartado ao texto dissertativo, para fins de sua validação. Em seguida deverá ser disponibilizado em repositórios institucionais, para consolidar sua socialização. Para Zaidan *et al.* (2020, p. 12),

A realização da pesquisa e a elaboração do produto educacional se intercambiam e se mostram como parte de um processo de formação docente, proporcionando que o(a) mestrando(a)-professor(a) tenha consciência de sua experiência profissional, das possibilidades e dificuldades de sua prática, um caminho profícuo de fortalecimento de seu desenvolvimento profissional -uma das metas do MPE.

Dentro do estabelecido pela Capes no Documento de Área, considerando ainda a possibilidade de existência de outros tipos de materiais, a tipologia referente aos Produtos educacionais, de acordo com Rizzatti *et al.* (2020), atende à seguinte categorização: Material didático/instrucional; Curso de Formação Profissional; Tecnologia Social; Software/aplicativo; Evento organizado; Relatório Técnico; Acervo; Produto de comunicação; Manual/Protocolo; Carta; mapa ou similar.

## A Tecitura do Produto Educacional /Podcast

Neste trabalho, a opção pelo tipo de Produto Educacional apontou na direção da categoria audiodocumentário, sendo composto por uma série de *podcasts*, vinculado à categoria Produto de Comunicação. Nessa direção, o produto educacional proposto e exposto neste trabalho final de curso, contemplando miniconferências e narrativas sobre o tema em estudo, tem finalidade didática, recomenda-se o seu uso em situações didático-pedagógicas, em espaços de formação escolar e não escolar, apresenta-se como uma possibilidade de ampliar as discussões sobre gênero, diversidade e sexualidade na perspectiva do empoderamento feminino dentro e fora dos espaços dos Negeds.

O referido produto educacional, envolve miniconferências e narratividade, contemplativas de breves discussões e experiências acerca das seguintes temáticas: a) categoria empoderamento feminino; b) o Neged no IFPE; c) narrativas sobre si. As discussões (a e b) receberam contribuições de duas professoras do IFPE, estudiosas das Relações de Gênero, Sexualidade e Diversidade, coordenadora e ex-coordenadora de Negeds. As referidas exposições dialogaram com a temática do empoderamento no prisma da autonomia feminina, em todas as suas dimensões e na direção dos espaços coletivos.

A narrativa sobre si, na compreensão do contexto exposto, envolveu a participação de uma estudante, integrante do Neged. Neste contexto, também, evocou-se o aprofundamento de entendimentos e experiências acerca do Empoderamento Feminino. As exposições expostas nos diferentes episódios traduzem, sobretudo, uma percepção de e sobre si, enquanto mulheres que estão vinculadas ao IFPE e ou ao Neged. Nesse cenário, entende-se que essa técnica permite a libertação, à medida que as pessoas se renovam e refazem a própria vida por meio da reelaboração e ressignificação das experiências vividas. Pois,

A memória não é, absolutamente, o exercício de uma fuga do presente, nem tão pouco a tentativa genealógica de resgatar um passado que não mais existe, mas sim um movimento que se busca mergulhar na fluidez do tempo, com vistas a compreender seus múltiplos (e muitas vezes interrompidos) itinerários (Cambi, 2001, p.56).

A série foi dividida em três seções, contemplando a fala de cada uma das participantes, desse modo, com três episódios. A sua apresentação e o encerramento foram feitos pela mestranda, autora deste trabalho. Introduzindo e encerrando as seções, foram escolhidos os seguintes textos musicais: Maria, Maria (Milton Nascimento) e Cor de Rosa Choque (Rita Lee e Roberto de Carvalho). O quadro a seguir traz informações gerais e técnicas sobre o referido em pauta.

**Quadro:** Participantes do *podcast*

<b>Episódios</b>	<b>Duração</b>	<b>Perfil das Participantes</b>	<b>Principal abordagem</b>
<b>1<sup>2</sup></b>	12 min e 19 seg.	Estudiosa das relações de gênero, professora e Atual coordenadora de um Neged do IFPE	Discussões do campo teórico envolvendo a temática de estudo
<b>2<sup>3</sup></b>	15 min e 53 seg.	Estudiosa das relações de gênero, professora e Ex-coordenadora de um Neged do IFPE	Discussões do campo teórico-prático envolvendo a temática de estudo, destacando-se as experiências da instituição com o Neged, bem como a construção do corpus documental que oferece sustentação à criação e manutenção deste núcleo
<b>3<sup>4</sup></b>	08 min e 26 seg.	Estudante vinculada a um Neged do IFPE	Experiências sobre si com a temática de estudo, dentro e fora do IFPE.

Fonte: Elaborado pela autora (2024)

A abordagem com as participantes do *podcast* foi feita por meio de contatos telefônicos, por *WhatsApp*, conversas e outros. O procedimento foi agendado e orientado, um roteiro foi distribuído contendo informações referentes ao objetivo do *podcast*, duração, abordagem, objetividade, finalidade, dentre outras. As gravações foram feitas nos celulares das participantes, repassadas à pesquisadora, após analisadas foram entregues ao grupo de editores que integram o Projeto Malungo Lab.

Os eventos envolvendo a gravação, a abertura e o encerramento dos três episódios foram gravados no laboratório que abriga os trabalhos desse projeto, assim como todos os procedimentos técnicos que envolveram a feitura e a testagem interna do material. O acesso a todos os episódios sequenciados, sem interrupção, encontra-se disponível em único link.<sup>5</sup>

<sup>2</sup> [https://drive.google.com/file/d/1BLoWM5NCrZInsocjP1VBjollw1g\\_NyEO/view?usp=drivesdk](https://drive.google.com/file/d/1BLoWM5NCrZInsocjP1VBjollw1g_NyEO/view?usp=drivesdk)

<sup>3</sup> <https://drive.google.com/file/d/1BVLe-O7pJxdIvJPu0G7JvGBURKQGKY4L/view?usp=drivesdk>

<sup>4</sup> <https://drive.google.com/file/d/1BRK7cbNKSXV14rGmHVLMoRBLi0Paf0nL/view?usp=drivesdk>

<sup>5</sup> <https://drive.google.com/file/d/1BXiRhXEiDaspD-xCvLyeGQRcw7TQsJw3/view?usp=drivesdk>



## EPISÓDIO 1 – Podcast com a Professora Sandra Gomes: IFPE Campus Belo Jardim

### Podcast

O Empoderamento  
Feminino em Discussão

**Autoras:**  
Maria Aparecida Cruz  
Bernardina Santos Araújo de Sousa



[https://drive.google.com/file/d/1BLoWM5NCrZInsoCjP1VBJollw1g\\_NyEO/view?usp=drivesdk](https://drive.google.com/file/d/1BLoWM5NCrZInsoCjP1VBJollw1g_NyEO/view?usp=drivesdk)

### Transcrição da série de *podcast*<sup>6</sup>

Maria, Maria é um dom, uma certa magia, uma força que nos alerta. Uma mulher que merece viver e amar como outra qualquer do planeta. Maria, Maria é o som, é a cor, é o suor, é a dose mais forte e lenta de uma gente que ri quando deve chorar e não vive apenas aguenta [...] (Nascimento, 1978).

Olá, boas-vindas a todos, todas e todes que nesse momento nos escutam. Sou Maria Aparecida Cruz, mestranda do programa do Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica, ProfEPT e IFPE *Campus* Olinda. Junto a minha orientadora, a professora doutora Bernardina Santos Araújo de Sousa, apresentamos o *podcast*: Empoderamento Feminino em Discussão.

E, nesse momento, iniciamos e agradecemos a colaboração da professora Sandra Gomes, do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Pernambuco (IFPE), *Campus* Belo Jardim. A professora Sandra Gomes é graduada em Letras, com Licenciatura em Português e Inglês, pela UPE, e Mestra em Educação e Culturas e Identidades, pela Universidade Federal Rural de Pernambuco e pela Fundação Joaquim Nabuco (Fundaj). Atuou como professora efetiva da Rede Estadual de Ensino de Pernambuco.

Atualmente é professora do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Pernambuco (IFPE) *Campus* Belo Jardim. Tem experiência e prática no debate sobre gênero e diversidade sexual e é coordenadora do Núcleo de Estudos de Gênero e Diversidade (Neged), do *Campus* Belo Jardim.

Bom dia a todas e todos. Primeiramente, gostaria de agradecer à professora Bernardina Araújo e à Aparecida Cruz por esse convite e, ao mesmo tempo, parabenizar pela bela iniciativa de compor esse material tão importante e tão necessário. Bem, mas como eu fui convidada a falar sobre Empoderamento Feminino, gostaria de iniciar nossas reflexões pela noção construída em torno da palavra empoderamento.

A palavra empoderamento é um neologismo que se formou a partir da palavra *empowerment*, do inglês, está geralmente muito ligada ao meio empresarial e à ideia de descentralização de poderes. Consultando o Aurélio, com palavras já dicionarizadas, encontrei duas definições. A ação de se tornar poderoso e de passar a possuir poder, é a primeira, e a segunda, passar a ter domínio sobre sua própria vida, ser capaz de tomar decisões sobre o que diz respeito.

<sup>6</sup> WhatsApp Audio 2024-10-14 at 15.17.31 (1). Transcrito por TurboScribe.ai. Atualize para ilimitado

Depois dessa consulta, fui buscar o que tinha na internet sobre Empoderamento Feminino. Encontrei uma noção bem resumida que dizia o seguinte: conceder poder individual, social e político às mulheres. E aí a gente pensa: quem concede? Quem diz que vai conceder mais poder às mulheres assume que tem o poder.

Então o conceito de empoderamento, para além de trazer essa noção, esse domínio sobre a própria vida da mulher, também questiona ou interpela as estruturas de poder. Eu gostaria de trazer, ainda sobre empoderamento, as noções que traz Joyce Berth<sup>7</sup>, no livro Empoderamento, da Coleção Feminismos Plurais. Segundo Joyce Berth, o empoderamento se constrói a partir de quatro pilares. O primeiro deles é a consciência cognitiva, a necessidade de estudar, de se apropriar de conceitos que tratam das questões que pesam sobre a nossa vida. O segundo deles é o fortalecimento.

É um reconhecimento da nossa condição enquanto ator econômico e financeiro.

O que você produz ou o que nós produzimos? Ou o que ainda podemos produzir? Onde poderíamos estar produzindo? O terceiro pilar é o pilar da dimensão psicológica. Reconhecer o quanto as operações sociais podem fragilizar o psicológico das pessoas ou o nosso psicológico nessa interação social. O quarto pilar seria o da conscientização política. Não uma político-partidária ou institucional, mas de ações que podem ser realizadas no cotidiano, no dia a dia.

Um exemplo disso é uma reunião comunitária de mulheres para discutir ou reivindicar o direito a mais creche naquela comunidade, por exemplo. Segundo Joyce, esses pilares ocorrem dentro de uma dimensão individual e coletiva.

Há uma simbiose entre o empoderamento individual e o empoderamento do grupo. Ninguém se empodera individualmente se o grupo não estiver empoderado. Ao mesmo tempo em que, para que esse grupo seja empoderado, ele precisa também da ação individual.

Então, é um processo de simbiose. Para que a gente possa perceber ou vislumbrar isso melhor, vamos imaginar uma mulher num cargo de liderança de uma grande empresa internacional. Vamos questionar: quem é essa mulher? Geralmente, é uma mulher branca que, pelo caminho ou na sua trajetória, encontrou privilégios e condições favoráveis para alcançar aquela posição, aquela condição.

O que é que fica mais presente ou o que é que fica mais latente para nós, aí? A ideia de meritocracia. Essa ideia de meritocracia não interpela as estruturas de poder, porque ela se caracteriza a partir de uma conquista individual daquela mulher. A gente até pode dizer que ela é uma mulher empoderada, mas se for pensar o conceito de empoderamento dentro da sua construção, você vê que aquele benefício é um benefício conquistado individualmente.

Então, se você consegue um benefício individual e esse benefício não é revertido para um grupo minoritário ou para o grupo minoritário em que você está inserido, não se está aplicando o conceito de empoderamento, porque não está modificando a vida de outras pessoas ou de outras mulheres. Então, o Empoderamento Feminino está ligado a uma consciência coletiva por parte das mulheres e é construído de ações tomadas por mulheres que não se deixam ser inferiorizadas pelo seu gênero e tomam atitudes que vão contra o machismo e o sexismo imposto pela sociedade. Essa luta contra o sexismo presente em toda a nossa estrutura social, ela demanda o empoderamento das mulheres.

O movimento feminista trouxe muitas conquistas, mas a estrutura que ainda nos governa nos diz o quanto ainda precisamos lutar, estudar para mover essas estruturas de poder que estão aí. Então, falar de empoderamento é discutir as relações de poder a partir, inclusive, de questionamentos de situações muito simples no nosso cotidiano, mas que pesam sobre nossa vida. Quem pode andar ou não andar à noite na cidade? Como a família divide o trabalho doméstico? Essa segunda questão é uma questão que mexe com o cotidiano das pessoas.

Tanto a primeira quanto a segunda, a gente fazer uma reflexão sobre ela e tentar modificar algumas questões relacionadas a ela traz mudanças significativas sobre a vida das pessoas. Só

---

<sup>7</sup> Joyce Berth formou-se em arquitetura e urbanismo, é escritora e feminista, curadora e psicanalista. Cria conteúdo para as redes sociais e plataformas como a Revista "Elle Brasil" e o "Portal Terra", sobre temas de conscientização de questões sociais, desigualdades e saúde mental. feminista negra.

essas duas questões muito simples já podem trazer uma mudança significativa para a vida das pessoas. E, aí cabe refletir, e eu trago aqui o que nos diz bell hooks.

“A noção de vida doméstica que ainda domina o imaginário da nação é a lógica de que a dominação masculina está intacta. Seja o homem presente em casa ou não” (Hooks, 2018, p. 18)<sup>8</sup>. Se a gente for observar isso que a bell hooks diz, na maioria das famílias em que a gente tem mãe-solo, a gente ainda consegue perceber isso.

É a lógica patriarcal que ainda está no pensamento e nas ações dessas mulheres sozinhas, quando educam suas filhas e filhos. A gente sabe que isso tem modificado, tem se modificado, mas ainda está presente essa lógica e essa noção patriarcal em muitas famílias. A informação é um dos processos mais importantes do empoderamento.

E aí, nesse sentido, a atuação dos núcleos de gênero e diversidade dentro dos institutos federais emergem como espaços de empoderamento para as novas gerações, porque são nesses espaços que acontecem esses debates, na verdade, que precisam acontecer nas instituições de ensino como parte da formação das estudantes e dos estudantes. Nessa sociedade em que a gente tem ainda muito sexismo e ainda muitos discursos engendrados, discursos midiáticos, engendrados pela lógica patriarcal, é importante a gente estar bem atento para o esvaziamento do conceito de empoderamento.

Não é o fato de você ter uma pessoa, de uma mulher ser bem-sucedida financeiramente ou usar um batom vermelho que vai tornar essa mulher empoderada. Essa mulher pode ter uma lógica dentro da sua casa em que ela é prejudicada ou pode sofrer violência doméstica. Então, a mídia constrói alguns símbolos e as redes sociais os distribuem de forma tão capilarizada que terminam embaçando a ideia de Empoderamento Feminino e passando a discutir algumas questões, ou as principais questões que nos pesam de forma superficial.

Nós precisamos sair dessa superfície e aprofundar o processo de empoderamento das mulheres em todos os espaços. E a escola é um dos lugares em que esse processo pode se constituir de forma mais consistente, porque o empoderamento feminino é um processo contínuo, individual e coletivo, com muitas idas e vindas, uma vez que a luta pela equidade de direitos está muito, muito longe de cessar e ainda há muitos espaços em disputa. Nesse sentido, para finalizar, eu gostaria de fechar com as palavras de Audre Lorde (2019, n.p.)<sup>9</sup>: “Não sou livre enquanto outra mulher for prisioneira, mesmo que as correntes dela sejam diferentes das minhas”. Então, é isso, gente. Muito obrigada pela oportunidade e espero ter contribuído.

Um abraço. Muito obrigada, professora Sandra Gomes, pela sua excelente contribuição e participação em nosso podcast.



<sup>8</sup> HOOKS, Bell. Políticas feministas: em que ponto estamos. *In: O feminismo é para todo mundo*. Políticas arrebatadoras. Tradução Ana Luiza Libânio. 1ª edição. Rio de Janeiro: Rosa dos Ventos, 2018.

<sup>9</sup> LORDE, Audre. *Irmã outsider*: ensaios e conferências. Tradução Stephanie Borges. São Paulo: Autêntica, 2019.

## EPISÓDIO 2 – Podcast com a Professora Nathalia da Mata: IFPE, Campus Recife/DAE Reitoria

### Podcast

O Empoderamento  
Feminino em Discussão

**Autoras:**

Maria Aparecida Cruz  
Bernardina Santos Araújo de Sousa



<https://drive.google.com/file/d/1BVLe-O7pJxdIvJPu0G7JvGBURKQGKY4L/view?usp=drivesdk>

Maria, Maria é um dom, uma certa magia, uma força que nos alerta. Uma mulher que merece viver e amar como outra qualquer do planeta. Maria, Maria é o som, é a cor, é o suor, é a dose mais forte e lenta de uma gente que ri quando deve chorar e não vive apenas aguenta [...] (Nascimento, 1978).

A vida institucional, das diferenças que estão ali transitando nessa vida institucional.

E nesse momento, para darmos continuidade ao nosso podcast Empoderamento Feminino em Discussão, apresentamos e agradecemos a colaboração da professora Natália da Mata, do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Pernambuco (IFPE), Campus Recife. A professora Natália da Mata é socióloga, mestra e professora de Sociologia do IFPE Campus Recife. Atuou como coordenadora do Neged (Núcleo de Estudos de Gênero e Diversidade) do Campus Belo Jardim e do Campus Recife. Atualmente ela é diretora da DAE-Reitoria, Diretoria de Assistência ao Estudante.

Olá, sou Natália da Mata, professora de Sociologia do Instituto Federal de Pernambuco e comento um pouco sobre a minha experiência como coordenadora dos Núcleos de Estudos de Gênero e Diversidade dos campi Belo Jardim e Recife. Os Negeds, como são conhecidos os Núcleos de Estudos de Gênero e Diversidade, são espaços de pesquisa, de extensão, de produção de atividades cotidianas na instituição que criam a possibilidade de novas imaginações a respeito dos corpos que compõem a forma de ventilar ideias, uma nova forma de fazer circular afetos na vida institucional.

É preciso a gente perceber, a gente capturar uma nova imagem educativa quando a gente olha para os Núcleos de Estudos de Gênero e Diversidade dentro do Instituto Federal de Pernambuco. Esse é um ponto que eu gostaria de destacar, antes mesmo de falar desse espaço como um espaço gerador de... como eu poderia dizer... de possibilidades para a tomada de consciência ou para o exercício da reflexão crítica das mulheridades, das diversas pessoas que ali transitam, habitam, debatem e trazem as suas reflexões. Que as instituições educacionais são espaços de produção e reprodução de corpos, sabemos.

Especialmente se a gente fizer uma leitura um tanto quanto foucaultiana de como as abordagens educacionais inclinam uma capacidade de adequação desses corpos, dos pensamentos e dos seus comportamentos na instituição. É algo que se impõe, se a gente pensar nas relações de poder. Neste âmbito o poder é identificado como algo que está ali

imposto àquele corpo que transita na instituição. Pode ser considerado, inclusive, uma angústia, se a gente pensar junto com a Judith Butler.

Há uma obediência cotidiana, um respeito às leis, um impacto efetivo das formas de repressão que existem, inclusive dentro dos ambientes educacionais. Então espaços como os núcleos de gênero e diversidade, que permitem o debate, que permitem a reflexão, que abrem margem, que abrem frestas para a reflexão, são importantes lugares de autodeterminação política.

Neste sentido, à medida que nós vamos, enquanto profissionais da educação, na minha condição de professora, de coordenadora, conduzindo trabalhos acadêmicos, trabalhos extensionistas, articulados com outras pessoas da instituição, dentro de um núcleo que predispõe condições para que a gente repense um pouco as medidas, as formas de fazer uma pedagogia, as formas de fazer e criar conhecimento e as formas de estar, existir, expressar-se, performar dentro da instituição, é muito importante.

Eu considero que os Negeds, de fato, criam uma nova forma de ventilar ideias, uma nova forma de fazer circular afetos na vida institucional. E isso é extremamente salutar, saudável, pertinente, especialmente quando a gente pensa nas várias dificuldades e obstáculos que as populações consideradas minoritárias, que são chamadas minorias políticas, estão conseguindo ingressar cada vez mais por conta das políticas públicas nos espaços educacionais.

Então pensar a frequência das mulheres, a frequência das mulheres trans, a frequência dos corpos da diferença nas instituições educacionais, é extremamente importante para o funcionamento do Neged, e o Neged é extremamente importante para a continuidade desse trânsito, para a reflexão em relação a esse trânsito de corpos da diferença e para a permanência desse trânsito de corpos da diferença na instituição educacional.

Então eu acredito que o Neged na minha experiência pedagógica e acadêmica seja um espaço de extrema felicidade, no sentido de que ele de fato nos faz respirar novos ares para imaginar novas formas de pedagogia.

Eu acredito que fique claro que o empoderamento, a potencialização de aspectos políticos para a diversidade, para as pessoas subalternizadas ao longo do tempo histórico, condiciona, inclusive, transformações nos aspectos institucionais mais estruturados. Então os regramentos institucionais começam a ser questionados, criticados, repensados.

De certo modo, os núcleos nos permitem uma potencialidade política de transformação institucional. É superinteressante pensar, por exemplo, quando falamos de políticas inclusivas, que apesar da noção de inclusão, não estamos falando somente de assistência. Não estamos falando somente de apoio e de cuidado.

Estamos falando, sim, de apoio, de cuidado, de assistência, mas também de dispositivos que podem engendrar transformações significativas na vida institucional. Modificar, de fato, a instituição de ensino para que ela comporte cada vez mais a presença das diferenças e seja cada vez mais salutar na transformação dessas vidas.

Em outras palavras, os Negeds são espaços que propõem a formulação de políticas de inclusão numa chave, de fato, emancipatória, porque além de garantir acolhimento, de levantar temáticas que são plurais e têm como princípio norteador os princípios e diretrizes democráticos e dos direitos humanos, também se trata de um espaço que precisa necessariamente colocar, acionar como princípio a crítica como fonte geradora de novas diretrizes.

Então os propósitos da política são necessariamente agonísticos nos núcleos de gênero e diversidade. Necessariamente eles são insolentes com a sua própria permanência, com a sua própria necessidade de mudança constante.

Quando converso, dialogo sobre os núcleos de gênero e diversidade, sempre gosto de propor uma observação a partir de dois aspectos fenomenológicos e intersubjetivos relacionados a esses movimentos corpóreos, ao movimento de corpos que percorre, que performa na arquitetura institucional educativa e como esses corpos produzem efeitos e significados diversos dos que estão pré-estabelecidos pelo senso disciplinador, aquele senso disciplinador ancorado na cis heteronormatividade.

Então, especialmente a experiência do corpo como território, como historicidade, materialidade, é importante da gente observar essa dinâmica, esse fenômeno, a partir dos espaços gerados pelos núcleos de gênero e diversidade, das experiências geradas, pensadas, construídas, elaboradas dentro dos núcleos de gênero e diversidade, como também, por outro lado, a reprodução da estrutura normativa que vai disciplinar a dinâmica educativa. Ao reproduzir uma dinâmica educativa, a instituição da educação está ali, vamos dizer assim, tentando manter a norma geradora. Quando acontece um encontro dessa dinâmica com uma nova experiência de novos corpos, corpos pensados como território, como historicidade, como materialidade, quando esse confronto acontece, a gente tem aí uma dinâmica de conflito.

Muito interessante de se observar e de perceber como é importante essa complexidade na vida institucional educativa para produzir novas fontes discursivas, novas expressões de performatividade.

O outro na instituição, seja ele a travesti, a pessoa transgênero, não binária, LGBT, sejam as diversas mulheridades, eles, elas, elos estão colocados na instituição também como pontos de decisão, também como pontos que criam frestas, brechas, para se ventilar, como disse inicialmente, novas ideias.

Em outras palavras, a revelação da presença desses corpos marcados, identificados, tensiona certa normalidade, entre aspas, essa normalidade institucional, e ao mesmo tempo aciona as forças inculcadas na sociedade a partir dos estigmas, propõe novas leituras sobre esses modos de existência, de experiência, e, conseqüentemente, sobre a realidade.

Então, necessariamente, a gente tem a produção de um espaço crítico. Eu penso que a experiência de potencialidade política proporcionada pelos Negeds, ela é consequência desse espaço crítico, desse espaço também de conflito, desse espaço necessariamente questionador.

Uma das observações que eu consegui realizar ao longo do tempo de experiência como coordenadora, especialmente do Núcleo de Gênero e Diversidade de Belo Jardim, foram os atritos entre os corpos dissidentes e a própria norma educativa.

Então, por isso que eu gosto de destacar essa temática, que, para mim, ela é extremamente fortalecida pela existência dos núcleos. Esse atrito entre os corpos dissidentes e a norma educativa gera a possibilidade da crítica e de uma inovação dentro do campo pedagógico. Isso eu noto como uma experiência muito importante para se pensar uma nova arquitetura institucional, uma nova arquitetura educativa.

Trata-se de um movimento que produz uma necessária desestabilização e leva a mudanças institucionais. Penso que leva também a mudanças particulares, que leva também a experiências particulares, subjetivas, individuais, por que não, muito significativas. Então, há,

sim, uma potência muito significativa para que as pessoas se encontrem e, em reunião, estabeleçam novos movimentos políticos.

Por fim, a experiência de estar, performar, contribuir com a elaboração dos núcleos de gênero me fazem pensar em como as instituições educacionais muitas vezes retroalimentam ficções somáticas.

E como é importante espaços como os núcleos de gênero-diversidade, como é importante a reunião de pessoas das mais diversas dentro de um espaço educativo com essas características para a gente conseguir, de fato, construir uma novidade pedagógica, construir uma novidade educacional, uma novidade institucional.

Não há como a gente esgotar, numa conversa rápida, todos os elementos que estão ali produzindo novas identidades a partir desse espaço pedagógico, que é o núcleo de gênero-diversidade.

Mas é muito importante a gente ter esse espaço formativo sempre sendo colocado em questão, em debate, para a gente ter em mente e ter uma maior facilidade de perceber as suas contribuições para gerar potencialidades políticas inovadoras, emancipação, em novas formas de imaginação pedagógica.

Agradeço a oportunidade. Um abraço a todos, todas e todes.

Muito obrigada, professora Natália da Mata, pela excelente contribuição e participação nesse nosso podcast. Eu e a minha orientadora agradecemos imensamente. Um grande abraço.

Nas duas faces de Eva A Bela e a Fera (Lee, 1982).

## Podcast

### O Empoderamento Feminino em Discussão

#### Autoras:

Maria Aparecida Cruz  
Bernardina Santos Araújo de Sousa



<https://drive.google.com/file/d/1BRK7cbNKSV14rGmHVLMoRBLi0Paf0nL/view>

Maria, Maria é um dom, uma certa magia, uma força que nos alerta. Uma mulher que merece viver e amar como outra qualquer do planeta. Maria, Maria é o som, é a cor, é o suor, é a dose mais forte e lenta de uma gente que ri quando deve chorar e não vive apenas aguenta [...] (Nascimento, 1978).

E nesse momento apresentamos e desde já agradecemos a participação da estudante Mariá Lima, do quarto período do curso de Ensino Médio Integrado em Segurança do Trabalho do Campus Recife, que desde o seu primeiro período está vinculada e participa dos projetos e outras atividades ligadas ao Neged. Ela também é uma das participantes da nossa pesquisa e quem vem colaborar com a sua experiência no Neged. É com você, Mariá.

Olá, me chamo Mariá de Holanda, sou estudante do Instituto Federal e faço o curso Técnico Integrado em Segurança do Trabalho.

Primeiramente, eu gostaria de agradecer esse convite especial à mestranda Aparecida Cruz e a sua orientadora, Professora Dra. Bernardina Sousa, do IFPE, para que eu possa participar um pouquinho nesse podcast, chamado Empoderamento Feminino em Discussão. Empoderamento feminino sempre foi um termo presente na minha vida. As discussões começaram a ficar muito mais fortes para mim quando eu era do Fundamental 1 até o Fundamental 2, onde eu criei uma base muito forte sobre esse tema.

Eu tive o privilégio de ser estudante de um colégio construtivista, onde desde o princípio nós, alunos, éramos orientados a sempre pensar criticamente sobre a sociedade. Então, a gente não só sabia resolver as questões de matemática, mas a gente também sabia questioná-las, a gente também sabia levantar discussões sobre diversos temas que são presentes na nossa sociedade, e entre eles, de racismo, xenofobia, estava o empoderamento feminino. Eu tive a sorte de ter conhecimento ao longo do meu Fundamental sobre diversas cientistas mulheres e de pensar e entender que eu também poderia ser cientista se eu quisesse.

Coincidentemente, eu me tornei aluna do Instituto Federal, que é conhecido por ser um colégio técnico e científico. Então, eu adentrei o Instituto Federal no primeiro semestre como aluna de edificações, mas ao passo que eu fui conhecendo um pouquinho das matérias técnicas, eu me vi bastante em segurança do trabalho. Como eu faço curso integrado, eu também tive contato com professores de história, de português, de sociologia e

principalmente de filosofia.

Eu gostaria de mencionar a minha professora, chamada Fernanda Celle, que no meu primeiro período me fez um convite muito especial. Esse convite veio a mim e a mais duas colegas, onde ela chamava a gente para a gente fazer parte de um núcleo de estudos de diversidade de gênero que estava sendo reativado lá no Instituto Federal. O Neged, ela explicou para a gente lá no primeiro período, que tinha dado uma baixa no número de estudantes que eram participantes desse núcleo de estudos.

E ela explicou que a pandemia dificultou muito, né? O modelo virtual realmente prejudicou o encontro, onde faziam diversas discussões sobre livros e artigos, enfim. O grupo de estudos era realmente um grupo bastante ativo no Instituto Federal e que por causa da pandemia isso tinha ficado um pouco de segundo plano. Quando ela chamou a gente, a gente se animou logo, né? Eu principalmente, porque eu tive o prazer de poder finalmente voltar a ter essa veia ativa na voz das mulheres.

E aí a gente mexeu no Instagram, a gente fomentou diversas discussões e eu lembro que a gente falou um pouco sobre interseccionalidade. É um termo muito novo no estudo sociológico, né? Mas é um termo muito interessante para a gente entender questões como empoderamento feminino também. A interseccionalidade, ela explica para a gente que as coisas não são divididas nas caixinhas, né? Então, por exemplo, uma mulher preta, pobre, periférica, ela não vai estar na mesma caixa de discussão de uma mulher branca com seus privilégios.

Então, assim, eu pude ampliar muito mais a minha ideia de empoderamento feminino e todas as teorias que eu já tinha dentro de mim. Pude também discutir isso, por exemplo, num jantar de família. Eu tenho a sorte também de ter uma família de mulheres muito fortes e de mulheres que por toda a sua história lutaram bastante.

Minha mãe, por exemplo, foi uma das pioneiras na ideia de colocar a mim e a minha irmã num colégio construtivista, onde a gente poderia ter esse contato que ela teve a partir da minha avó, com esse tipo de discussão. Então, minha mãe sempre participou muito dos projetos que a gente fazia no Neged. Ela sempre via e sempre participava de alguns debates que eu levantava aqui no jantar de casa sobre o grupo de estudos, sobre os livros e artigos que a gente estava lendo.

E, com muita sorte, mas trabalho e dedicação, nós, discentes e docentes que fazemos parte do Neged, a gente conseguiu alcançar muitos estudantes. A SNCT, por exemplo, ela agora não era só mais uma feira científica, onde os professores de história, de, enfim, as ciências da natureza, as ciências exatas iriam colocar seus trabalhos, mas também um momento onde o Neged se fez muito presente. E a gente conseguiu atingir diversos estudantes e poder falar sobre empoderamento feminino.

Eu sei que a grande maioria das pessoas que levantam essas discussões importantíssimas no Neged são mulheres e são mulheres científicas... cientistas, desculpa, são mulheres que sempre passaram por dificuldade, por exemplo, na área que escolheram. Então, a gente sabe que a mecânica é majoritariamente uma área masculina e essas mulheres estão lá e estão, pelo fato de estarem presentes nesse curso, que é um curso majoritariamente masculino, elas já se mostraram bastante fortes. E o Neged pode vir como esse apoio a essas mulheres, a essas mulheres cientistas que, assim como eu, entraram no IFPE com o sonho.

Então, eu espero que... agora eu estou um pouco afastada do Neged, mas eu espero que a gente consiga políticas públicas, aí, pela frente que possam fazer com que a gente fomenta

cada vez mais esse projeto e nunca deixe ele ser apagado, porque ele é importantíssimo para a história do IFPE e para a atualidade das mulheres cientistas que estudam nesse Instituto Federal.



## Considerações finais

Este *podcast* sobre empoderamento feminino nos conduz por um caminho de descobertas, reflexões e aprendizagens. Ao longo dos episódios, fomos apresentados a diversas perspectivas e histórias de vida que enriquecem e ampliam nossa compreensão sobre o tema.

Como resultados da avaliação do Podcast, destacamos a satisfação com a indicação de que os avaliadores do Produto Educacional, de fato, escutaram o *podcast* e responderam com segurança às questões observadas, o que nos faz acreditar na importância do nosso trabalho de pesquisa.

Este *podcast* não só oferece explicações importantes sobre as diversas formas de empoderamento, como também destaca a relevância de unir conhecimento acadêmico e vivências pessoais para construir uma sociedade mais justa e igualitária.

O engajamento com os Núcleos de Estudos de Gênero e Diversidade (Negeds) do IFPE amplia ainda mais o impacto do conteúdo, alcançando e inspirando mais mulheres dentro e fora do instituto.

Ao proporcionar um espaço para diálogos abertos e inclusivos, este *podcast* se posiciona como uma ferramenta poderosa para fomentar a conscientização e promover a igualdade de gênero, refletindo o compromisso com a transformação social. Continuemos a ouvir, aprender e agir, sempre juntos nessa caminhada pelo empoderamento feminino e a diversidade.

## AUTORAS



Mestra do Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional e Tecnológica. Possui graduação em Pedagogia com Orientação Educacional pela Faculdade Frassinetti do Recife (FAFIRE) (1993). Pós-Graduação em Supervisão Escolar pela Universidade Federal de Pernambuco (UPE) e Especialização em PROEJA pelo IFPE. Foi Professora Coordenadora Pedagógica bolsista do PRONATEC do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de PE - IFPE. Professora Tutora e bolsista pela Universidade Aberta do Brasil nos Cursos de Licenciatura em Matemática, Geografia e Tecnólogo em Educação Ambiental. Professora Tutora Virtual no Curso de Especialização em Ensino de Ciências e Matemática pela UAB -UFRPE Pesquisadora da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Professora e Técnica Pedagógica da Secretaria de Educação do Estado de PE. Tem experiência na área de Educação, com ênfase em Educação, atuando principalmente nos seguintes temas: Educação, Educação de Jovens e Adultos, Direitos Humanos, Inclusão Social, Paulo Freire, Empoderamento Feminino.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0715933285305483>

E-mail: cidacruz@reitoria.ifpe.edu.br



Possui graduação em Licenciatura Plena em Pedagogia pela Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Caruaru (1988), especialista em Sociologia (1988) especialista em História do Brasil (1990), mestre em Educação pela Universidade Federal de Pernambuco (2006) e doutorado em Educação pela Universidade Federal da Paraíba (2013). Atualmente é docente do Instituto Federal de Pernambuco, professora do curso de Licenciatura em Música do Campus Belo Jardim; membro do Núcleo Docente Estruturante desse mesmo curso; Professora e membro da Comissão Acadêmica Local do Mestrado Profissional em Educação Profissional PROFEPT- IFPE; Membro do Núcleo Docente Estruturante do Curso de Licenciatura em Música. Membro do Comitê Científico do IFPE; Pesquisadora na área de Currículo e Cultura; Práticas Pedagógicas em Espaços educacionais Formais e não formais; Relações de Gênero e Educação; Inclusão e Diversidade em espaços formais e não formais de ensino em EPT. Membro do Grupo de Pesquisa DIPEM - Diálogos Intercontextuais: Psicologia Cultural, Educação e Educação Musical; Membro do Grupo de Pesquisa: Trabalho, Formação e Educação Superior (UFPB PPGAES) e do grupo de pesquisa: Organização, memórias e práticas educativas na Educação Profissional e Tecnológica.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4929110097621126>

E-mail: bernardina.araujo@belojardim.ifpe.edu.br

## Referências

**COR-DE-ROSA choque.** Intérprete: Rita Lee. Compositores: R. Lee e R. de Carvalho. *In.* Rita Lee e Roberto de Carvalho. Intérprete: Rita Lee. [S. l.]: Som Livre/Emi-Odeon Brasil, 1982. LP, faixa 8.

**MARIA, Maria.** Intérprete: Milton Nascimento. Compositores: F. Brant e M. Nascimento. *In.* CLUBE da Esquina 2. Intérprete: Milton Nascimento. [S. l.]: Emi-Odeon Brasil, 1978. LP, faixa 8.

MORAIS, Johana de Angelis Cavalcante de Moraes. **Gênero e Diversidade Sexual:** as experiências de estudantes LGBTI+ na Educação Profissional e os desafios no mundo do trabalho. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica) – Instituto Federal de Pernambuco, 2020.

RIZZATTI, Ivanise Maria; MENDONÇA, Andrea P; MATTOS, Francisco.; RÔÇAS, Giselle; SILVA, Marcos André B Vaz da; CAVALCANTI, Ricardo Jorge de S.; OLIVEIRA, Rosemary R. de. **Os produtos e processos educacionais dos programas de pós-graduação profissionais:** proposições de um grupo de colaboradores. *ACTIO*, Curitiba, v. 5, n. 2, p. 1-17, mai./ago. 2020. Disponível em: <https://revistas.utfpr.edu.br/actio/article/view/12657/7658>. Acesso em: 20 set 2024.

ZAIDAN, S.; REIS, D. A. F.; KAWASAKI, T. F. Produto educacional: desafio do mestrado profissional em educação. **Revista Brasileira de Pós-Graduação**, [S. l.], v. 16, n. 35, p. 1–12, 2020. Disponível em: <https://rbpg.capes.gov.br/rbpg/article/view/1707>. Acesso em: 12 out. 2024.

## GLOSSÁRIO

Nesta seção, apresentamos um glossário dos termos elencados por nossas entrevistadas durante as nossas conversas no *podcast*.

**Autodeterminação política**<sup>10</sup>: O princípio da autodeterminação dos povos é um princípio de Direito Internacional que procura assegurar a independência, a liberdade e o direito de organização própria dos povos. Visa proteger o direito dos povos de determinar o seu sistema de governo, organização económica e sociocultural.

**Cis heteronormatividade**<sup>11</sup>: A cis heteronormatividade prevê uma sociedade em que predomina a norma de que os corpos são cis género e heterossexuais, colaborando para manutenção de violências que são nossas velhas conhecidas como machismo, sexismo e patriarcado.

**Corpo como historicidade**<sup>12</sup>: A história da nossa sociedade está no nosso corpo, nos comportamentos, símbolos corporais, na nossa saúde, na forma como nosso Corpo se expressa, ele traz representações de aspectos

estruturais da nossa vida coletiva, é muito importante entender o corpo na sua totalidade.

**Corpo como território**<sup>13</sup>: práticas sociais densas de espacialidade, isto é, as práticas espaciais destes sujeitos, revela o medo contido a partir de diferentes imposições, ocupam, disputam e produzem o campo e a cidade a partir das relações dialógicas estabelecidas por meio de suas práticas sexuais e comportamentais.

**Empoderamento a potencialização de aspectos políticos para a diversidade**<sup>14</sup>: Trata-se de abordagem histórica e conceitual do processo de empoderamento, tomando-o como elemento relevante à compreensão das possibilidades e dos limites na promoção da participação social e política. Termo multifacetado que se apresenta como um processo dinâmico, envolvendo aspectos cognitivos, afetivos e condutuais.

**Empoderamento Feminino**<sup>15</sup>: no

<sup>10</sup> Disponível em: <https://diariodarepublica.pt/dr/lexionario/termo/principio-autodeterminacao>. Acesso em 20 nov. 2024.

<sup>11</sup> Disponível em: <https://manamiga.pt/comunidade/o-que-e-cisgeneridade-e-heteronormatividade/> Acesso em 20 nov. 2024.

<sup>12</sup> Disponível em: <https://ojs.ufgd.edu.br> Acesso em 20 nov. 2024.

<sup>13</sup> Disponível em: <https://editorarealize.com.br/anais/enanpege> Acesso em 20 nov. 2024.

<sup>14</sup> Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S010412902009000400016> Acesso em 20 nov. 2024.

<sup>15</sup> Disponível em: <https://www.politize.com.br/empoderamento-feminismo> Acesso em 20 nov. 2024.

contexto dos movimentos feministas, refere-se ao processo de conquistar poder, autonomia e controle sobre a própria vida e decisões, especialmente para mulheres que historicamente foram marginalizadas, oprimidas ou subjugadas. Esse conceito é multifacetado e envolve tanto uma transformação individual quanto coletiva, abordando questões sociais, culturais, econômicas e políticas.

**Estrutura normativa**<sup>16</sup>: consiste em uma prática social que estabelece que as normas que satisfaçam certas condições são válidas. Cada sistema normativo tem sua própria regra de reconhecimento, seu conteúdo varia e é uma questão empírica.

**Feminismo**<sup>17</sup>: O feminismo é um movimento que luta pela igualdade social de direitos para as mulheres e busca combater o modelo social baseado no patriarcado e os abusos e a violência contra as mulheres.

**Foucaultiana**<sup>18</sup> Foucault nos situa no contexto de uma sociedade marcada pela constituição de múltiplos discursos sobre o sexo e acerca de elementos e categorias que a ele se entrelaçam. O filósofo afirma que, diante das contínuas transformações ocorridas durante os últimos séculos, a humanidade presenciou uma verdadeira explosão discursiva em torno do sexo, caracterizada pela decomposição de uma

relativa unidade, que deu lugar a discursividades distintas.

**LGBT**<sup>19</sup>: O movimento político e social de luta pelos direitos das pessoas de orientação sexual ou identidade de gênero não prestigiadas socialmente sofreu inúmeras transformações ao longo do tempo. A antiga sigla GLS (que englobava gays, lésbicas e simpatizantes) deixou de ser utilizada, sendo substituída pela expressão LGBT. E com a posterior inclusão de outras representações, a sigla cresceu e hoje incorpora novas letras carregadas de significado e importância para o movimento.

**LGBTQIAPN+**<sup>20</sup>: Ultimamente a sigla mais usada para se referir à comunidade é que contempla boa parte da diversidade de gêneros, identidades e orientações sexuais que compõem o grupo — entre eles: há lésbicas, gays, bissexuais, transexuais, queer, intersexuais, assexuais, pansexuais. Para cada letra, há histórias de lutas.

**Lógica Patriarcal**<sup>21</sup>: Refere-se a um sistema de pensamento e organização social baseado em uma estrutura de poder desigual, onde os homens, especialmente os homens cisgêneros e brancos, detêm o poder e a autoridade, enquanto as mulheres e outras identidades de gênero marginalizadas são subordinadas ou

<sup>16</sup>Disponível em: <https://www.cidp.pt > revistas > ridb> Acesso em 20 nov. 2024.

<sup>17</sup>Disponível em: <https://www.politize.com.br/feminismo/> Acesso em 20 nov. 2024.

<sup>18</sup>Disponível em: <https://repositorio.ifpe.edu.br/xmlui/handle/123456789/262> Acesso em 20 nov. 2024.

<sup>19</sup>Disponível em:

<https://educapes.capes.gov.br/bitstream/capes/597276/2/GUIA%20DE%20INCLUS%C3%83O%20DAS%20PESSOAS%20LGBTQIA%2B.pdf> Acesso em 20 nov. 2024.

<sup>20</sup>Disponível em: <https://oglobo.globo.com/> Acesso em 20 nov. 2024.

<sup>21</sup>Disponível em: <https://chatgpt.com/> Acesso em 20 nov. 2024.

oprimidas. Essa lógica patriarcal não se manifesta apenas em ações ou comportamentos explícitos de dominação, mas também está enraizada em normas sociais, culturais e políticas que perpetuam desigualdades de gênero.

**Meritocracia<sup>22</sup>: É um sistema social no qual a hierarquia é baseada no merecimento e esforço,** em que a mobilidade e ascensão está diretamente relacionada ao **desempenho individual, invisibilizando e negando os esforços coletivos (grifo nosso)**

**Mulheres trans<sup>23</sup>:** Transexuais, a mais popular entre elas, são pessoas que possuem o gênero oposto ao designado pelo seu sexo biológico. Pessoas do sexo masculino que se identificam, experimentam e vivenciam o gênero feminino, são denominadas mulheres trans. O oposto são os homens trans.

**Mulheridade<sup>24</sup>** descreve a qualidade de gênero mulher. Podendo ser cis, trans ou pertencente a outra modalidade de gênero. O sexo ou a corporeidade de uma mulher pode ser mulheriane ou não (no caso de intersexo ou wolffiane). Wolffian ou wolfian é um termo alternativo às categorias "sexo masculino", "homem biológico" e "macho" como sexo fenotípico (alternativamente genotípico/gené ...).

**Não binária<sup>25</sup>:** Basicamente, se refere

a pessoas que não se identificam nem 100% como homem, nem 100% como mulher. Nesse debate, o processo de empoderamento é apresentado a partir de dimensões da vida social em três níveis: psicológica ou individual; grupal ou organizacional; e estrutural ou política. O empoderamento pessoal possibilita a emancipação dos indivíduos, com aumento da autonomia e da liberdade. O nível grupal desencadeia respeito recíproco e apoio mútuo entre os membros do grupo, promovendo o sentimento de pertencimento, práticas solidárias e de reciprocidade. O empoderamento estrutural favorece e viabiliza o engajamento, a corresponsabilização e a participação social na perspectiva da cidadania.

**Performatividade<sup>26</sup>:** é o que permite e obriga o sujeito a se constituir enquanto tal. A partir deste ponto, o debate sobre o ato de fala como um ato corporal leva aos problemas da identidade.

**Performatividade<sup>27</sup>:** é o que permite e obriga o sujeito a se constituir enquanto tal. A partir deste ponto, o debate sobre o ato de fala como um ato corporal leva aos problemas da identidade.

**Regramentos institucionais<sup>28</sup>** As regras institucionais definem recursos importantes nas mãos do Poder Executivo,

<sup>22</sup> Disponível em: <https://www.politize.com.br/meritocracia/> Acesso em 20 nov. 2024.

<sup>23</sup> Disponível em: <https://educadiversidade.unesp.br/transgeneros/> Acesso em 20 nov. 2024.

<sup>24</sup> Disponível em: <https://diversidades.fandom.com/pt-br/wiki/Mulheridade> Acesso em 20 nov. 2024.

<sup>25</sup> Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br> Acesso em 30 de dezembro 2024

<sup>26</sup> Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-44502007000100001> Acesso em 20 nov. 2024.

<sup>27</sup> Disponível em: <https://www.scielo.br/delta> Acesso em 20 nov. 2024.

<sup>28</sup> Disponível em: <https://www.teses.usp.br> Acesso em 20 nov. 2024.

os quais servem como mecanismo de controle sobre o processo decisório da instituição.

**Sexismo<sup>29</sup>:** discriminação de pessoas ou de grupos de pessoas de determinado sexo, feita com base em noções de superioridade de um sexo sobre o outro (geralmente do masculino sobre o feminino); tendência para associar determinados comportamentos, capacidades e/ou papéis sociais convencionais a cada um dos sexos

**Transexual/Transgênero<sup>30</sup>:** - Pessoa que nasce com o sexo biológico diferente do gênero com que se reconhece. Essas

pessoas desejam ser reconhecidas pelo gênero com o qual se identificam. Vale lembrar que o que determina se uma pessoa é transexual é a identidade, independente da realização de qualquer processo cirúrgico. / Termo genérico que engloba qualquer pessoa que se identifique com o gênero diferente do sexo de nascimento.

**Travesti<sup>31</sup>:** Trata-se de uma construção de gênero feminino oposta ao sexo designado no nascimento, seguida de uma construção física, que se identifica na vida social, familiar, cultural e interpessoal por meio dessa identidade.

---

<sup>29</sup> Disponível em: <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/sexismo> Acesso em 20 nov. 2024.

<sup>30</sup> Disponível em: <https://educapes.capes.gov.br/bitstream/capes/597276/2/GUIA%20DE%20INCLUS%C3%83O%20DAS%20PESSOAS%20LGBTQIA%2B.pdf> Acesso em 20

nov. 2024. Disponível em: <https://educapes.capes.gov.br/bitstream/capes/597276/2/GUIA%20DE%20INCLUS%C3%83O%20DAS%20PESSOAS%20LGBTQIA%2B.pdf> Acesso em 20 nov. 2024.

